

Teatro de Bonecos Traz o Velho Japão à Vida



O palco do teatro de bonecos

O palco do bunraku (teatro de bonecos) é especialmente construído para acomodar marionetes controladas por três pessoas. Os titereiros operam os bonecos por um buraco que fica atrás de um corrimão na parte frontal do palco

(imagem: cortesia de Museu Nacional/Bunrakuza)

O *bunraku* é o teatro profissional de bonecos do Japão. Desenvolvido primeiramente nos séculos XVII e XVIII, ele é uma das quatro formas de teatro clássico japonês que são Patrimônio Intangível da Humanidade pela UNESCO, sendo os outros: kabuki, noh e kyogen. O termo bunraku veio de Bunrakuza, o nome do único teatro comercial de *bunraku* que sobreviveu até a idade moderna. O *bunraku* também é chamado de *ningyo joruri*, um nome que remete a sua essência e origem. Ningyo significa "boneco" ou "marionete" e *joruri* é o nome de um estilo de canto narrativo dramático acompanhado pelo *shamisen*, um instrumento de três cordas.

Em conjunto com o *kabuki*, o *bunraku* se desenvolveu como uma parte vibrante da cultura comercial do período Edo (1603-1868). Apesar de usar bonecos, o *bunraku* não é um teatro para crianças. Muitas de suas peças mais famosas foram escritas pelo maior dramaturgo do Japão, Monzaemon Chikamatsu (1653-1724) e a grande habilidade dos operadores faz com que os personagens dos bonecos e suas histórias ganhem vida no palco.

História do *Bunraku*

Já no período Heian (794-1185), titereiros itinerantes conhecidos como *kugutsumawashi* viajaram por todo o Japão se apresentando de porta em porta em troca de doações. Nessa forma de entretenimento de rua, que continuou até o período Edo, o titereiro manipulava dois bonecos de mão em um palco que consistia em uma caixa suspensa do seu pescoço. Alguns *kugutsumawashi* provavelmente se estabeleceram em Nishinomiya e na ilha de Awaji, ambas perto da atual Kobe. No século XVI, titereiros desses grupos foram chamados a Kyoto para fazer uma apresentação para a

família imperial e líderes militares. Foi por volta dessa época que o teatro de bonecos associou-se à arte do *joruri*.

Um precursor do *joruri* pode ser encontrado nos *performers* cegos de teatro itinerante, chamados de *biwa hoshi*, que entoavam “O Conto do Heike”, um épico militar sobre a guerra de Taira-Minamoto, e era acompanhados pelo *biwa*, uma espécie de alaúde. No século XVI, o *shamisen* substituiu o *biwa* como o instrumento escolhido e o estilo *joruri* se desenvolveu. O nome *joruri* veio de um dos primeiros e mais populares trabalhos cantados nesse estilo, a lenda de um romance entre o guerreiro Yoshitsune de Minamoto e a bela dama *Joruri*.

A arte do teatro de bonecos combinada com o canto e o acompanhamento do *shamisen* ganharam popularidade no início do século XVII em Edo (hoje Tóquio) onde recebeu o apoio dos *shoguns* e outros líderes militares. Muitas peças desse período apresentavam as aventuras de Kimpira, um lendário herói renomado por suas corajosas e inacreditáveis façanhas. No entanto, foi na cidade mercante de Osaka que a era de ouro do *ningyo joruri* foi inaugurada por meio do talento de dois homens: o *tayu* (cantor) Gidayu Takemoto (1651-1714) e o dramaturgo Monzaemon Chikamatsu.

Depois que Gidayu abriu o teatro de bonecos Takemotoza em Osaka no ano de 1684, o seu poderoso estilo de canto, chamado de *gidayu-bushi*, veio a dominar o *joruri*. Chikamatsu começou em 1685 a escrever dramas históricos (*jidai-mono*) para que Gidayu cantasse. Mais tarde, ele passou mais de uma década escrevendo principalmente para *kabuki*, mas em 1703 Chikamatsu voltou para o Takemotoza e, a partir de 1705 e até o fim de sua vida, ele escreveu exclusivamente para o teatro de bonecos. Existem muitos debates que questionam o porquê de Chikamatsu começar a escrever para *kabuki* e depois retornar para o *bunraku*, mas o que se acredita é que pode ter sido em razão de uma insatisfação com a posição do dramaturgo e do ator no *kabuki*. Muitos atores famosos do *kabuki* da época consideravam a peça um material cru que precisava ser modelado para mostrar melhor seus talentos.

Em 1703, Chikamatsu inovou com um novo tipo de peça de teatro, o chamado drama doméstico (*sewa-mono*), que trouxe uma nova prosperidade para o Takemotoza. Depois de apenas um mês que um balconista e uma cortesã haviam cometido suicídio duplo, Chikamatsu dramatizou o incidente em *Sonezaki shinju* (Os Amantes Suicidas de Sonezai). O conflito entre obrigações sociais (*giri*) e sentimentos humanos (*ninjo*) encontrou nessa peça plateias emocionadas e se tornou um tema central para o *bunraku*.

Os dramas domésticos, tais como a série de peças sobre suicídios amorosos de Chikamatsu, se tornaram um dos temas favoritos do teatro de bonecos. Dramas históricos, no entanto, continuaram a ser populares e se tornaram mais sofisticados na medida em que a plateia esperava a mesma profundidade psicológica encontrada nas peças domésticas. Um exemplo disso é a *Kanadehon Chushingura*, talvez a mais famosa peça de *bunraku*. Baseada em uma história real sobre um incidente ocorrido entre 1701 e 1703 com 47 *ronin* (*samurai* sem senhor) e foi encenada pela primeira vez 47 anos depois, em 1748. Após sacar a sua espada no castelo de Edo em resposta aos insultos do chefe de protocolo do shogunato Tokugawa (Yoshinaka Kira), o senhor feudal Naganori Asano foi forçado a cometer suicídio e seu clã debandou. Os 47 leais vassalos tramaram com cuidado e fizeram uma vingança matando Kira quase dois anos depois. Mesmo que muitos anos tenham decorrido desde o incidente, escritores ainda mudavam a hora, o local e os nomes do envolvidos com o intuito de não ofender o shogunato Tokugawa. Essa famosa peça foi logo adaptada ao palco *kabuki* e continuou a ser uma parte importante de ambos os repertórios.

Por todo o século XVIII o *bunraku* desenvolveu uma relação competitiva e cooperativa com o palco *kabuki*. No que diz respeito à atuação individual, os atores do *kabuki* imitavam os movimentos distintivos dos bonecos do *bunraku* e o estilo de canto do *tayu*, enquanto os titereiros adaptaram o floreado estilístico dos famosos atores *kabuki* para as suas próprias performances. No que se refere à peça, muitos trabalhos do *bunraku*, especialmente aqueles de Chikamatsu, foram adaptados para o *kabuki*, enquanto o extravagante estilo das produções do *kabuki* foi encenado como sendo *bunraku*.

O *bunraku* foi gradualmente eclipsado em popularidade pelo *kabuki* a partir do final do século XVIII, entrando em declínio comercial e tendo os teatros fechados um a um até restar apenas o Bunrakuza. Desde a II Guerra Mundial, o *bunraku* tem dependido do apoio do governo para sobreviver, apesar de sua popularidade ter aumentado nos últimos anos. Sob o patrocínio da Associação *Bunraku*, são feitas atualmente apresentações regulares no Teatro Nacional em Tokyo e no Teatro Nacional Bunraku em Osaka. As turnês de performances Bunraku têm sido recebidas com entusiasmo em cidades ao redor do mundo.

Bonecos e Performance

De metade a dois terços do tamanho natural, os bonecos *bunraku* são feitos com vários componentes: cabeça de madeira, ombros de tábua, tronco, braços, pernas e figurino. A cabeça tem um cabo com cordas de controle para mover os olhos, boca e sobrancelhas. Esse cabo é inserido em um buraco no centro da tábua dos ombros. Braços e pernas são presos por cordas na tábua dos ombros e o figurino cai sobre os ombros e o tronco, no qual um arco feito de bambu é preso para formar a cintura. Os bonecos femininos geralmente têm faces imóveis e uma vez que o longo kimono cobre completamente a parte inferior dos seus corpos, a maioria não precisa ter pernas.

Existem em torno de 70 tipos diferentes de cabeça de bonecos em uso. Classificadas em várias categorias, tais como jovem mulher solteira ou jovem homem de grande força, cada cabeça é geralmente usada para vários personagens diferentes, mesmo que eles sejam com frequência chamados pelo nome do papel no qual eles apareceram pela primeira vez.

O *omozukai* (operador principal) insere sua mão esquerda em uma abertura nas costas do figurino e segura o cabo da cabeça. Com a sua mão direita ele move a mão direita do boneco. Segurar um grande boneco guerreiro pode ser um exercício de resistência, uma vez que eles pesam até 20 quilos. A mão esquerda é operada pelo *hidarizukai* (primeiro assistente) e as pernas são operadas pelo *ashizukai* (segundo assistente), que também bate os pés no palco para fazer efeitos sonoros e marcar o ritmo do *shamisen*. Nos bonecos femininos, o *ashizukai* controla a parte inferior do kimono para simular o movimento das pernas.

Nos dias de Chikamatsu, os bonecos eram operados por uma pessoa; o boneco de três homens não foi introduzido até 1734. Originalmente esse operador solo não era visto no palco, mas em *Sonezaki shinju* (Os Amantes Suicidas de Sonezaki), o mestre titereiro Hachirobei Tatsumatsu se tornou o primeiro a trabalhar sendo completamente visto pela plateia.

Hoje todos os três titereiros são completamente vistos pela plateia. Os operadores geralmente usam um conjunto preto e capuz o que os fazem simbolicamente invisíveis. Uma celebridade no mundo *bunraku*, o operador principal geralmente trabalha sem o capuz preto e, em alguns casos, usa até um robe de seda branca brilhante.

Assim como os titereiros, o *tayu* e o tocador de *shamisen* ficavam originalmente escondidos da plateia, mas, em uma nova peça em 1705, Gidayu Takemoto cantou na frente de toda a plateia e, em 1715, tanto o *tayu* quanto o tocador de *shamisen* começaram a se apresentar em uma plataforma especial elevada no lado direito do palco, onde eles se exibem atualmente. O *tayu* tem tradicionalmente o maior status em uma trupe *bunraku*. Sendo o narrador, é ele quem cria a atmosfera da peça, além de ter que cantar todas as partes, fazendo desde uma voz masculina grave e áspera até um falsete agudo de mulher ou criança.

O tocador de *shamisen* não apenas acompanha o *tayu*. Uma vez que os titereiros, o *tayu* e o tocador de *shamisen* não se vêem durante a performance, cabe ao tocador estabelecer o compasso da peça com o seu dedilhar rítmico. Em algumas grandes peças *bunraku* e em espetáculos sofisticados adaptados do *kabuki*, pares múltiplos de *tayu-shamisen* e conjuntos de *shamisen* são usados.



Um boneco de três pessoas

Três pessoas manipulam um único boneco. O titereiro líder (esquerda) apoia o boneco com a sua mão esquerda e opera a mão direita do boneco com a sua mão direita. Um assistente opera a mão esquerda do boneco e outro as pernas.

(Foto cortesia do Teatro Nacional/Bunrakuza)

Uma Peça Bunraku: *Sonezaki Shinju* (Os Amantes Suicidas de Sonezaki)

Essa obra-prima de Monzaemon Chikamatsu foi a primeira do novo gênero de peças, o drama doméstico (*sewa-mono*), focado no conflito entre emoções humanas e restrições severas e obrigações da sociedade contemporânea. O grande sucesso dessa peça levou ao surgimento de muitos outros dramas sobre trágicos casos de amor entre mercadores e cortesãs, além de ser considerado a causa de uma série de suicídios amorosos.

Cena 1: Visitando seus clientes, Tokubei, um vendedor de um fornecedor de molho de soja, encontra a sua amada, a cortesã Ohatsu, por acaso no Santuário de Ikutama em Osaka. Chorando, ela o critica por negligenciá-la e não ter escrito cartas ou visitá-la. Tokubei explica que ele tem tido alguns problemas e, pelos pedidos de Ohatsu, ele conta a ela toda a história.

O tio de Tokubei, o dono do negócio de molho de soja, pediu que Tokubei casasse com a sobrinha da sua esposa, mas o jovem se recusou, em razão do seu amor por Ohatsu. No entanto, a madrasta de Tokubei concordou com o casamento sem ele saber, pegou o grande dote e o levou com ela para o interior. Quando Tokubei recusou novamente o casamento, o seu tio furioso exigiu o dinheiro do dote de volta. Depois de finalmente conseguir pegar o dinheiro de sua madrasta, Tokubei o emprestou para seu bom amigo Kuheiji que está atrasado para pagar a quantia.

Nesse instante, Kuheiji chega bêbado no santuário com alguns amigos. Quando Tokubei exige que ele devolva o dinheiro, Kuheiji nega ter pegado o dinheiro emprestado e, acompanhado por seus amigos, bate em Tokubei.

Quando Kuheiji vai embora, Tokubei anuncia sua inocência aos que o observam e insinua que irá reverter a situação se suicidando.



*Sonezaki shinju (Os Amantes Suicidas de Sonezaki)
Uma cena dessa famosa peça de Monzaemon Chikamatsu
(foto cedida pelo Teatro Nacional/Bunrakuza)*

Cena 2: Na noite no mesmo dia, Ohatsu volta a Casa Temma, o bordel em que ela trabalha. Ainda profundamente abalada com o que aconteceu, ela se esgueira para fora depois de ver Tokubei de relance. Eles choram e Tokubei diz a ela que a única opção que resta para ele é se matar.

Ohatsu ajuda Tokubei a se esconder embaixo da varanda na qual ela está sentada e logo Kuheiji e seus amigos chegam. Kuheiji continua a alegar a culpa de Tokubei, mas Ohatsu diz que ela sabe que ele é inocente. Então, como se ela estivesse falando consigo mesma, ela pergunta se Tokubei está decidido a se matar. Sem ser visto pelos outros, ele responde passando o pé dela por seu pescoço. (Uma vez que bonecos femininos não têm pés, um é especialmente feito para ser usado nessa cena)

Kuheiji diz que se Tokubei se matar ele irá cuidar de Ohatsu, mas ela o repreende, o chamando de ladrão e de mentiroso. Ela diz que ela está certa de que Tokubei pretende morrer com ela assim como ela pretende morrer com ele. Surpreendido pelo amor dela, Tokubei responde fazendo o pé de Ohatsu tocar a testa dele.

Assim que Kuheiji sai e a casa fica calma, Ohatsu dá um jeito de escapar.

Cena 3: Em sua jornada para a floresta de Sonezaki, Tokubei e Ohatsu falam sobre o seu amor e uma passagem lírica falada pelo narrador comenta sobre a efemeridade da vida. Ouvindo pessoas festejando em uma casa de chá na beira da estrada e cantando sobre um suicídio de amantes que havia acontecido, Tokubei imagina se ele e Ohatsu serão tema dessas canções.

Após chegarem à floresta Sonezaki, Ohatsu corta a sua faixa e eles a usam para se amarrarem juntos e, assim, ficarem belos na morte. Tokubei pede desculpas a seu tio e Ohatsu a seus pais, pelo incômodo que eles estão causando. Entoando uma invocação a Amida Buddha, ele, então, a apunhala e depois apunhala a si mesmo.